



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE, PB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DECOM
CURSO EM BACHARELADO EM JORNALISMO

SAMUEL BARBOSA OLIVEIRA

**UMA ANÁLISE DO LIVRO HOLOCAUSTO BRASILEIRO À LUZ DO
JORNALISMO LITERÁRIO**

CAMPINA GRANDE/PB

2021

SAMUEL BARBOSA OLIVEIRA

UMA ANÁLISE DO LIVRO HOLOCAUSTO BRASILEIRO A LUZ DO JORNALISMO
LITERÁRIO

Trabalho de Conclusão do Curso – TCC
apresentado ao Centro de Ciências Sociais
e Aplicadas - CCSA, da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Linha de Pesquisa: Mídia e Estudos
Culturais

Orientador(a): Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra

CAMPINA GRANDE/PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48u Oliveira, Samuel Barbosa.
Uma análise do livro holocausto brasileiro à luz do jornalismo literário [manuscrito] / Samuel Barbosa Oliveira. - 2021.
23 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Ada Keesa Guedes Bezerra, Departamento de Comunicação Social - CCSA."
1. Livro-reportagem. 2. Jornalismo literário. 3. Jornalismo investigativo. I. Título

21. ed. CDD 070.4

SAMUEL BARBOSA OLIVEIRA

UMA ANÁLISE DO LIVRO HOLOCAUSTO BRASILEIRO A LUZ DO JORNALISMO
LITERÁRIO

Trabalho de Conclusão do Curso – TCC
apresentado ao Centro de Ciências
Sociais e Aplicadas - CCSA, da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Jornalismo.

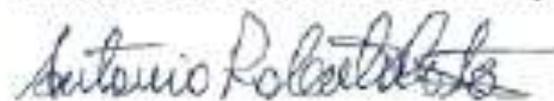
Área de concentração: Mídia e Estudos
Culturais

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Antônio Roberto Faustino da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. M.^a Maria de Fátima Cavalcante Luna
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu Deus pelo dom da vida e a minha
família por nunca perder a fé em mim,

Dedico este trabalho!

AGRADECIMENTOS

As palavras me faltam nesse momento para descrever o mix de sentimento que estão na minha mente. De um jovem humilde oriundo da periferia de Campina Grande, chegando ao posto mais digno para um homem, o pai de família, concluindo uma graduação. Eu realmente não tenho palavras para demonstrar o meu agradecimento nesse momento.

Deus foi, e é, fundamental na minha trajetória. Das primeiras lembranças que tenho nas escolas que estudei sempre tive dentro de mim a certeza que nunca estaria sozinho. Hoje, concluindo essa fase importante na minha vida e reifico a certeza de que Ele está aqui comigo, e sem ele nada sou e nem nada posso fazer!

Agradeço a minha orientadora Ada Guedes em nome de todos os professores que tive o privilégio de conhecer ao longo da graduação. A professora em especial; nunca desistiu de mim e em todo momento me incentivou e me orientou de uma forma precisa. Me sinto conectado a ela de uma forma muito especial, as linhas de pesquisa agora serão também linhas de amizade. Aqui deixo registrado o reconhecimento da excelente profissional que ela é. Acredito que todo professor deveria ouvir isso algum dia de seus alunos.

Aos meus mestres Antônio Faustino e Fátima Luna também deixo meu agradecimento. Profissionais que estão em minha vida e coração, me incentivando a transpor os limites que me cercam.

Aos meus pais e irmãos que em meio a uma segunda graduação difícil, onde trabalho e estudos se misturavam bastante, foram verdadeiros pilares me ajudando a percorrer 6 longos anos de caminhada acadêmica sem desacreditar nem por um instante do meu sucesso.

Em especial registro o amor sincero da minha mãe Gildênia que em nenhum momento me deixou desfalecer. Para me tornar o homem que sou hoje tive que aprender bastante com seus ensinamentos. Nos momentos mais alegres da minha vida ela sempre esteve ao meu lado, bem como nos momentos de luta eu sempre soube que não estava só! Obrigado, minha rainha!

Por último, mas não menos importante agradeço a minha esposa Raema e ao meu filho Josh. Eles foram nos últimos meses o combustível para finalizar a graduação em Comunicação Social. Eu realmente não sei o que seria de mim sem o suporte de Raema que nunca desistiu de mim. Em meio as lutas da universidade eu sempre soube que poderia descansar minha cabeça no seu ombro. Uma pessoa com coração limpo, com potencial acadêmico infundável e com uma forma de amar que não consigo descrever em palavras! Te amo Sweetheart. Ao meu primogênito eu agradeço por cada sorriso, cada choro, cada banho. É um privilégio ser seu pai Eu oro por você meu filho todos os dias e peço a Deus que você consiga trilhar os caminhos que Ele preparou para você! Dad loves you!

Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou o coração humano, o que Deus tem preparado para aqueles que O amam. 1 Coríntios 2.9.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	EXPANSÃO DA PAUTA EM JORNALISMO INVESTIGATIVO.....	12
3	DANIELA ARBEX E O JORNALISMO DE DENÚNCIA	15
4	HOLOCAUSTO BRASILEIRO – JORNALISMO APROFUNDADO EM LIVRO-REPORTAGEM.....	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6	REFERÊNCIAS	24

UMA ANÁLISE DO LIVRO HOLOCAUSTO BRASILEIRO A LUZ DO JORNALISMO LITERÁRIO

ANALYSIS OF THE BRAZILIAN HOLOCAUST BOOK BASED ON THE NEW JOURNALISM

Samuel Barbosa OLIVEIRA¹

Ada Kesea Guedes BEZERRA²

RESUMO

O texto jornalístico pode se apresentar em diferentes formatos a partir de veículos e finalidades distintas. A narrativa ampliada enquanto reportagem pode alcançar o formato de livro-reportagem, um produto editorial e jornalístico de abordagem aprofundada dos fatos. Este artigo tem como finalidade analisar o livro *Holocausto Brasileiro*, da jornalista Daniela Arbex, de modo a destacar os elementos: escrita literária e abordagem investigativa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem descritiva e bibliográfica para a qual contribuiu sobremaneira a teoria de Edvaldo Pereira Lima (2014) sobre a expansão da pauta em reportagens ampliadas. Como resultados é possível destacar: a imersão da jornalista em uma investigação minuciosa que mostra como o jornalismo investigativo deve ser conduzido; percebe-se ainda a marca do denunciamento na obra; além do imbricamento entre jornalismo e literatura capaz de ambientar o leitor e oferecer a este, um retrato claro, vivo e marcante de um fato histórico de uma página sombria da psiquiatria no Brasil da década de 30.

Palavras-chave: Livro-reportagem. Jornalismo literário. Jornalismo investigativo.

ABSTRACT

The journalistic text can be analyzed in different formats from different vehicles and purposes. The expanded narrative as a report can reach the format of a report-book, an editorial and journalistic product with an deep approach to the facts. This article aims to analyze the book *Holocausto Brasileiro*, by journalist Daniela Arbex, in order to highlight the elements: literary writing and investigative approach. This is a qualitative research, with a descriptive and bibliographic approach, to which Edvaldo Pereira Lima's (2014) theory about the expansion of the agenda in expanded reports has greatly contributed. As a result, it is possible to highlight: the journalist's immersion in a thorough investigation that shows how investigative journalism should be conducted; one can still see the mark of denunciation in the work; in addition to the overlapping between journalism and literature able to accommodate the reader and offer him a clear, vivid and striking portrait of a historical fact of a dark page of psychiatry in Brazil in the 1930s.

Keywords: report-book. Literary journalism. Investigative journalism.

¹ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. E-mail: Samuel.oklahoma@gmail.com

² Professora do Departamento de Comunicação Social - DECOM, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Email: ada.guedes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo literário se tornou uma ferramenta bastante eficaz para a comunicação do século XXI. Literatura e jornalismo sempre caminharam lado a lado. Da evolução do jornalismo no início da era moderna surgia a oportunidade de aprofundamento da notícia e da escrita através das estratégias literárias.

Percebendo essa forte conexão entre esses dois históricos mecanismos de comunicação podemos compreender as razões pelas quais os dois gêneros precisam ser melhor aproveitados nas redações atuais. Modelos de construção de jornalismo literário como *O Holocausto Brasileiro*, livro-reportagem objeto de estudo deste artigo, nos provam de modo irrefutável que é possível desenvolver reportagens além do lead e ainda conquistar espaço em meio as leituras de manchetes objetivas, matérias com foco na pirâmide invertida ou mesmo conteúdos sensacionalistas.

Identificamos sinais de que existe uma forma diferente, nem tão seca, nem meramente informativa, de comunicação jornalística. Deduzimos então, facilmente, que o jornalismo visto de longe como algo todo igual, ao ser visto de perto apresenta certa diversidade de modelos. Um deles, marcadamente diferente do formato noticioso, é o jornalismo literário". (LIMA, 2014, p. 14).

A industrialização da notícia se tornou hoje o tendão de Aquiles de qualquer jornalista que por ventura se imagine utilizando de recursos literários dentro dos seus textos, porém, é possível perceber que mesmo em meio a necessidade eminente de se noticiar, ainda existe a possibilidade de ir mais fundo, apresentando detalhes que a máquina da comunicação e as rotinas produtivas muitas vezes impede de ser alcançado.

A revolução industrial do século XVIII promoveu grande alvoroço tecnológico na sociedade. Sair das atividades manufatureiras era um sonho distante para a época, o que justifica o termo revolução ser tão pertinente para a apresentar aquele momento. Hoje estamos vivendo revoluções comunicacionais diárias. A comunicação, por exemplo, tem atingido a cada dia patamares elevados de interação e toda essa novidade traz consigo a agilidade da informação. É sobre esse novo cenário que está posicionado o jornalismo nesse momento, conteúdos rápidos para um público interativo é o foco.

A informação faz parte da notícia e podemos perceber que este importante papel social é cumprido por ela, no entanto, quando se propõem aprofundar a

informação noticiosa, rapidamente é percebido que tal conteúdo é apenas a ponta do iceberg. Edvaldo Pereira Lima (2014 p.13) nos mostra que o jornalismo do cotidiano tem um modo-padrão de retratar a vida real: “um formato de mensagem que reproduz qualquer acontecimento de um modo simplificado, com seus elementos básicos”. A presença do jornalismo literário pode, em sua essência, promover uma solidez ao conteúdo noticiado trazendo uma transformação social no modo de consumir e produzir informação.

No livro reportagem *Holocausto Brasileiro* (2013) vemos o exemplo da produção jornalística além do lead. Daniela Arbex desenvolveu um árduo trabalho de pesquisa com o intuito de apresentar um fato triste e marcante da história do Brasil. Um verdadeiro holocausto que aconteceu ao longo de um século dentro de uma instituição de saúde na cidade de Barbacena em Minas Gerais. Este livro é um exemplo de como a narrativa consegue recriar os caminhos da comunicação a partir do detalhamento e da investigação. Sua desenvoltura literária é um farol em meio ao desejo do imediatismo da notícia.

Temos então no presente artigo, o objetivo de mostrar o impacto do jornalismo literário na composição narrativa de um fato social e de repercussão, através do olhar da jornalista Daniela Arbex, em um livro que se tornou marco do jornalismo investigativo brasileiro: *Holocausto Brasileiro* (2013). Dentro desse foco, buscamos elencar as técnicas jornalísticas que favorecem o aprofundamento da informação; debater sobre o impacto do avanço tecnológico nas comunicações; e elementos que perpassam o imbricamento entre jornalismo e narrativa literária.

Temos a missão de promover a reflexão tanto para jornalistas de carreira quanto para os que estão saindo das academias sobre a importância de se construir notícias sólidas através de informações decupadas, aprofundadas e lapidadas. O fato é mostrar a possibilidade de transformação de uma sociedade que está no comodismo de informações ralas ou sensacionalistas.

Para a construção desse artigo, a metodologia adotada consiste em uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo e bibliográfico. O material empírico consta de trechos do livro *Holocausto Brasileiro*, de autoria de Daniela Arbex. Como base teórica, tomamos apontamentos do autor Edvaldo Pereira Lima, além de artigos diversos que abordam a temática.

2. EXPANSÃO DA PAUTA EM JORNALISMO INVESTIGATIVO

Quando se reflete sobre a pauta jornalística em si, o significado apresentado sempre permeia um conjunto de referências com o objetivo de nortear na construção da notícia. Nela está o guia para que os famosos questionamentos “o que, quando, como, onde e por que” sejam respondidos e conseqüentemente a história seja produzida.

No jornalismo investigativo a pauta ganha outros personagens que permitem a expansão além da apuração superficial. Para os jornalistas que se permitem utilizar da possibilidade de uma apuração mais profunda, a chance de engajar a literatura dentro de suas produções é eminente. É muito importante perceber que existe uma linha tênue entre o jornalismo e a literatura que possibilita a complementaridade um do outro.

Durante o processo de aprofundamento no assunto investigado as informações acabam por permitir reflexões que transcendem o *lead* jornalístico. A vertente de afastamento dos personagens, a imparcialidade frente ao fato e a ausência de empatia é facilmente substituída por uma reflexão social, empatia, aproximação.

Mesmo antes da iniciação da corrente do *New Journalism* por Tom Wolfe na década de 1960, já existiam vestígios de escritores que desenvolviam técnicas literárias na produção das suas narrativas. A escola de literatura conhecida como realismo social possuía entusiastas na Europa e nos Estados Unidos. A característica principal desses escritores era a utilização de situações reais do cotidiano na produção das suas narrativas. “Os autores dessa escola produziam histórias ficcionais inspiradas em situações sociais reais. Os personagens e os acontecimentos centrais eram inventados pelos autores. Essas criações, contudo, eram baseadas em contextos reais”. (LIMA, 2014, p.18).

A ausência de superficialidade é um dos grandes desafios na arte da investigação. É por essa razão que se torna possível conquistar resultados positivos e solidificados com o aprofundamento da apuração. Se no realismo social e no *new journalism* conseguimos observar as infindas possibilidades de criação de conteúdo, nos dias atuais, essas chances são aumentadas exponencialmente.

Daniela Arbex tem demonstrado essa atenção à investigação. O princípio para se colocar o leitor no papel de interlocutor de toda a realidade escrita depende de quanta informação é fornecida e como os seus sentidos são aguçados. Neste caso, a

autora após longas jornadas de investigação conseguiu apresentar a atratividade dos recursos literários dentro um fato verídico.

É comum trazer a ideia de que o jornalismo literário poderia abordar o ficcional dentro de suas narrativas como faziam os romancistas do início do século XX que dominavam o cenário literário nos Estados Unidos, porém, é necessário lembrar que por mais que um jornalista se debruce nas construções da liberdade literária, ele jamais poderá quebrar o pacto de noticiar o que é verídico. O fato é perceber que os recursos são acessórios para a verdade e tudo que foge dessa linha já não é jornalismo. Edvaldo Pereira Lima (2014) traz uma definição pertinente do jornalista literário. Segundo ele:

O bom jornalista literário vê. Porque se permite olhar para a realidade não apenas com os olhos limitados a enxergar não somente com os olhos que habitam as cavidades oculares do rosto. Tampouco fica restrito a uma apreensão puramente lógica e racional dos acontecimentos do mundo. (LIMA, 2014, p.20).

Essa justificativa ganha notoriedade ao adentrarmos no mundo do Holocausto Brasileiro relatado por Daniela Aberx. Logo no início do primeiro capítulo intitulado “O Pavilhão Afonso Pena” o leitor desatento poderia supor está iniciando uma leitura ficção com recursos tridimensionais infundáveis, tamanha a qualidade da descrição dos detalhes que nos empurram para o porão de uma página triste da história brasileira.

Vestida com calça de linho roxo e blusa rosa de algodão, roupa que só usava em ocasiões especiais, tomou o rápido café, despedindo-se em seguida. Já na rua, o ar gelado cortava o rosto da jovem. Fazia uns oito graus, mas a sensação era de temperatura negativa. O clima de temperaturas baixas para os padrões brasileiros ainda é uma das características de Barbacena, cidade encravada na serra da Mantiqueira, o maciço rochoso de Minas Gerais (ARBEX, 2013 p.19).

Aqui temos uma descrição de cena e cenário. Tais detalhes colocam o leitor dentro da vivência da realidade da cidade de Barbacena de uma maneira sensorial e não simplesmente respondendo ao questionamento “onde” do *lead* jornalístico. Nesse caso, vê-se na construção da investigação, a base para a possibilidade de apresentação de um cenário rico em detalhes.

De acordo com Pena (2006) o jornalismo literário é algo que transcendo o simples fato de ir além do que costumeiramente é feito dentro das redações. Ele afirma

que são necessários alguns princípios, denominados “as sete pontas do jornalismo”, para se alcançar novos cenários nas produções da comunicação social.

Em primeiro lugar é necessário fincar os princípios básicos que constroem o jornalista, como a ética, apuração, imparcialidade, pesquisa e etc. Logo depois deve-se transpor os limites impostos pelo cotidiano e pelo imediatismo. Em terceiro lugar o poder da contextualização entra em ação para que o jornalista consiga apresentar o conteúdo além da superficialidade imposta pela própria sociedade ou pelas empresas de comunicação. Em outra ponta surge o pacto com a sociedade no aspecto de informá-la e defendê-la acima de qualquer imposição contrária a ética jornalística do desenvolvedor da notícia. Em outro ponto surge o abandono do lead superficial de modo que ele seja transformado e receba profundidade e impacto social. O penúltimo item é a buscar em novas fontes de informação além das fontes oficiais. Neste caso a preocupação com o social deve fazer com que o jornalista se desdobre além do que é oficialmente noticiado. O último ponto remete a atemporalidade do conteúdo produzido. O texto precisa falar ontem, hoje e sempre, dessa forma o factual é mero coadjuvante.

Assim, é possível afirmar que a escrita literária não exige do texto a presença da criteriosidade, da verdade dos fatos, e da investigação. Pelo contrário, é um recurso que agrega à percepção do leitor. Durante toda a obra da jornalista, as investigações e a pesquisa ampla se fazem presente, como no trecho abaixo também de Holocausto Brasileiro.

Sessenta mil pessoas perderam a vida no Colônia. As cinco décadas mais dramáticas do país fazem parte do período em que a loucura dos chamados normais dizimou, pelo menos, duas gerações de inocentes em 18.250 dias de horror. Restam hoje menos de 200 sobreviventes dessa tragédia silenciosa. Boa parte deles está aqui neste livro. E é pelo olhar das testemunhas, das vítimas e de alguns de seus algozes que a história do Holocausto Brasileiro começa a ser contada. (ARBEX, 2013, P. 24)

Daniela cumpre a extensão da pauta, portanto, a partir de dois pilares: a literatura, demarcada pela presença de descrições, diálogos e narrativas; e a investigação presente na pesquisa junto à reportagens, registros fotográficos, documentos históricos e periciais, laudos, e diversas fontes.

3. DANIELA ARBEX E O JORNALISMO DE DENÚNCIA

A jornalista Daniela Arbex tem sido um referencial importante do jornalismo brasileiro. Através de uma carreira brilhante ela tem conquistado espaço até mesmo no âmbito internacional com suas produções elaboradas e ao mesmo tempo intrigantes sobre fatos que durante muito tempo foram ocultos aos olhos da sociedade brasileira.

Formada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora, ganhou notoriedade já no início de sua carreira no Jornal Tribuna de Minas tendo várias de suas reportagens premiadas. O foco do seu trabalho tem se destacado no âmbito investigativo. Uma de suas obras de maior repercussão tem sido o livro *Holocausto Brasileiro* que relata de forma crua, um verdadeiro genocídio em solo brasileiro que ocorreu durante quase um século na cidade de Barbacena em Minas Gerais.

Daniela expôs um cenário tenebroso de tratamento desumanizado no hospital psiquiátrico chamado Colônia. O título do livro que faz referência ao extermínio de Judeus, presos políticos, ciganos, homossexuais e outras minorias sociais durante a II Guerra Mundial pela Alemanha nazista, foi perfeitamente encaixado para descrever as atrocidades que aconteceram naquele local que deveria prover segurança e saúde para todos aqueles pacientes.

Ela [Daniela] conheceu a história do Hospital Psiquiátrico Colônia em 2009, ao entrevistar um psiquiatra da cidade que já conhecia seu trabalho. Era preciso, então, resgatar essa história e fazer com que a população ficasse sabendo dos abusos cometidos dentro de um hospital psiquiátrico no Brasil. (CRUZ; ETGES, 2018, p.10).

Holocausto Brasileiro é classificado como livro-reportagem e está dividido em 14 capítulos. Seu processo de escrita é rico em detalhes e cumpre em sua essência as características do jornalismo literário.

O livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais e revistas. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade. (LIMA, 1993, p. 7).

O processo de construção foi minucioso. Segundo a autora, ela chegou a receber críticas sobre o *best-seller* durante a apuração, a temática chegou a ser comparada a uma exumação. A receptividade da publicação foi algo gigantesco. Em uma crônica escrita por ela é possível perceber o impacto do assunto:

Holocausto brasileiro foi uma das matérias mais acessadas no site do jornal nos últimos tempos. Nas bancas de jornal, leitores passaram a fazer reservas da edição para não ficar sem o exemplar da série. Recebi dezenas de comentários sobre a descoberta do destino de familiares após a publicação da série. Blogs do país a reproduziram.³

Vários crimes são apontados durante os 14 capítulos do Livro Holocausto Brasileiro. Alguns foram tão horrendos que durante a leitura se faz possível questionar quem realmente eram os doentes mentais de Barbacena. Durante um período de super lotação em 1930, em local projetado para 200 pessoas se amontavam 5 mil pacientes. A primeira ação para o melhor aproveitamento do espaço foi a substituição das camas por capim. Essa ação foi sugerida pelo então chefe do Departamento de Assistência Neuropsiquiátrica de Minas Gerais, José Consenso Filho. O novo sistema foi tão aprovado naquele momento que chegou a ser replicado para outras instituições psiquiátricas.

Naquele momento um comércio macabro, porém lucrativo, se iniciaria. A venda de cadáveres para universidades de medicina e odontologia passara a ser uma ótima oportunidade de controle da superlotação de Colônia e ainda uma excelente fonte de renda. De acordo com a autora mais de 1800 corpos foram vendidos para dezessete faculdades de medicina do país entre 1969 e 1980:

Como a subnutrição, as péssimas condições de higiene e de atendimento provocaram mortes em massa no hospital, onde registros da própria entidade apontam dezesseis falecimentos por dia, em média, no período de maior lotação. A partir de 1960, a disponibilidade de cadáveres acabou alimentando uma macabra indústria de corpos". (ARBEX, 2013, p.67).

O relato do médico Paulo Henrique Alves destaca que durante sua graduação em medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1967 ele podia perceber a situação catatônica dos corpos. Segundo ele, ao dissecar um pulmão, por exemplo, era possível perceber a presença de tuberculose. Os professores afirmavam que

³ <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/27-11-2011/a-historia-por-tras-da-historia.html>.

aquela situação era comum dos corpos advindos do Colônia, além do aspecto de subnutrição.

Segundo a pesquisa da autora, em um dado momento houve uma saturação na indústria dos corpos advindos do Hospital de Barbacena. Entra em cena nesse momento um dos maiores exemplos de crueldade praticados ao longo da existência do Colônia.

Quando os corpos começaram a não ter mais interesse para as faculdades de medicina, que ficaram abarrotadas de cadáveres, eles foram decompostos em ácido, na frente dos pacientes, dentro de tonéis que ficavam no pátio do Colônia. O objetivo era que as ossadas pudessem, então, ser comercializadas.” (ARBEX, 2013, p.69).

As características investigativas da autora conseguiram montar diversas pontas soltas em quase um século de crimes contra a humanidade. As suas produções de reportagem no jornal Tribuna de Minas, que impulsionaram a criação do livro-reportagem *Holocausto Brasileiro*, renderam fontes importantes para a compreensão do funcionamento do hospital em todas as suas esferas.

Após uma das publicações no jornal mineiro, a autora recebeu um e-mail relatando a indústria de corpos sobre o olhar de quem viu de perto as cenas. Trata-se do professor aposentado da UFJF, Ivanzir Vieira. Ao decidir rescrever o livro-reportagem, Daniela tentou retomar o contato com a fonte, porém o mesmo havia falecido. O incrível desejo pela investigação, não impediu a autora de buscar fontes auxiliares.

Através das informações dadas no e-mail, Daniela conseguiu reconstituir datas através dos documentos pessoais do professor e do material do próprio hospital. Dessa forma se tornou possível mesmo após a morte do professor, se narrar a comercialização dos corpos de Colônia sobre a ótica de uma testemunha ocular, o falecido professor aposentado Ivanzir Vieira.

Apesar da obra *Holocausto Brasileiro* ser o foco da análise deste presente artigo, a jornalista Daniela possui outras produções, também de cunho investigativo e literário, na sua bagagem. *Cova 312*, de 2019, é um exemplo investigativo que contam sobre o crime de tortura praticado pelas forças armadas a um guerrilheiro. Além disso é descrito o seu assassinato e a ocultação do seu cadáver. Fatos surpreendentes que só foram possíveis de se encontrar após a árdua e perigosa investigação da jornalista que perpassam essa narrativa literária.

Todo dia a mesma noite, de 2018, é outro livro-reportagem produzido pela jornalista. Essa narrativa remonta a triste madrugada vivenciada pela cidade de Santa Maria no sul do Brasil onde 242 jovens tiveram suas vidas ceifadas por pura negligência. Daniela desenvolve toda as possíveis ferramentas de investigação entrevistando sobreviventes, familiares, socorristas e tantos outros personagens que participaram da ação.

Conquistado o leitor, então o autor parte para desvendar o mundo sobre o qual trabalhou tanto, conduzindo-o, como anfitrião, pelos labirintos da história. Pois o objetivo final é que o leitor viva simbolicamente aquela experiência, conquistando uma compreensão nova sobre o assunto (LIMA, 2014, p.29).

As produções de Daniela Arbex são marcantes no que tange a necessidade de investigação. A busca implacável pela verdade ultrapassa qualquer comodismo do conforto de uma redação e guia o leitor pela mão, informando-o com precisão e verdade assim como nos aponta o autor.

4. HOLOCAUSTO BRASILEIRO – JORNALISMO APROFUNDADO EM LIVRO-REPORTAGEM

O livro reportagem é um marco do avanço do jornalismo atual. Com ele, não só se tornou possível o aprofundamento da pauta, com também se tornou possível a prática de um jornalismo humanizado.

Para compreender os fenômenos sociais, os jornalistas devem ir além do “dar a notícia”. Presume-se que o fazer jornalístico buscaria a essência das ações humanas contidas nos fenômenos sociais. O Jornalismo humanizado não se proporia apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrua dos recursos da Literatura e que valorize personagens. Mais do que isso, buscaria a essência das ações humanas – é a escolha de um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado. (MONTEIRO, 2015, P.7)

Esse fenômeno literário propõe combater o decrépito mecanismo mercantilista da comunicação, vencendo o imediatismo do fato pela profundidade da informação. Não se trata apenas de um texto escrito com palavras rebuscadas sobre o olhar de um guia prolixo, porém, o foco é dar vida para os marginalizados. Esse manejo da notícia fica evidente no livro-reportagem *Holocausto Brasileiro* de Daniela Arbex (2013).

No âmbito da ciência psiquiátrica, sua revolução no Brasil ocorre em meados de 1980. Nesse momento iniciava-se o longo caminho de avaliação de técnicas utilizadas para controle das pessoas com doenças mentais, e por conseguinte, a substituição de algumas delas por procedimentos humanizados.

Processos como lobotomia, que de acordo com as narrativas médicas, são métodos cirúrgicos no cérebro com o objetivo de minimizar comportamentos agressivos em doentes mentais e que nunca obteve eficácia comprovada, além do tratamento de choque e punições físicas, são exemplos das atrocidades que se perpetuaram no Hospital Psiquiátrico de Barbacena, o Colônia.

A falta de inclemência também era refletida no acolhimento dos possíveis pacientes. O fato que nos remete bastante aos campos de concentração da II Guerra Mundial ocorria no transporte das pessoas até o Hospital em Barbacena. Várias pessoas aglomeradas em vagões com destino e diagnósticos inconclusivos. Nos relatos apresentados por Daniela Arbex, a grande maioria dos residentes de Colônia eram de pessoas comuns que de alguma forma “precisavam” ser excluídas da sociedade. Estima-se que mais de 60 mil pessoas morreram na instituição.

Cerca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos trinta e três eram crianças. (ARBEX, 2013 p.13).

Ao entrar dentro do mundo explicitado pela investigação de Daniela, percebemos a maneira catastrófica que foi conduzido o hospital psiquiátrico de Barbacena. Uma personagem advinda da busca por informações da autora do livro-reportagem caracteriza a falta de humanização no tratamento da instituição. No capítulo “A filha da menina de oliveira” vemos uma das muitas dolorosas narrativas registradas em solo brasileiro.

Débora Aparecida surge no sétimo capítulo do livro. Os detalhes literários do início da descrição da testemunha são assustadores. A jovem surge como uma pessoa sem esperança em meio a uma tentativa dupla de suicídio. A jovem não conseguia compreender questões existenciais. Segundo o relato de Daniela, ela foi

salva inicialmente por uma amiga que a impediu de ceifar sua própria vida na linha do trem e a levou para o pronto socorro que curiosamente ficava situado nas antigas instalações do Hospital Colônia.

A autora passa a narrar a triste realidade da jovem que não tinha um bom relacionamento com a mãe que foi funcionária do hospital psiquiátrico. Tempos depois Débora descobre que na verdade sua mãe biológica seria Sueli Rezende, paciente do manicômio. Arbex descreve que Débora sentira uma sensação de pertencimento porque finalmente encontrara as razões para o vazio existencial que causara tantos problemas psicológicos em sua vida.

As mulheres que davam à luz em Barbacena não podiam ficar com seus filhos. De acordo com as investigações de Daniela, muitas mulheres passavam fezes em suas barrigas na tentativa de impedir a remoção dos seus bebês quando a hora do parto se aproximava. A personagem introduzida foi uma das vítimas da separação. Ela foi adotada pela funcionária da instituição que revelou a adoção mais de 20 anos depois do nascimento de Débora.

A falta de empatia ganha mais profundidade, no momento em que a filha adotiva vai em busca da sua mãe no hospital Colônia. Uma luz de esperança fora alcançada e ela não perderia a chance de encontrar sua mãe biológica. O fato narrado pela autora nos trás a triste informação que Sueli Rezende, a mãe biológica de Débora, havia falecido a mais de um ano. Apesar da tristeza, a filha abandonada se debruçou sobre os prontuários da mãe em quase trinta anos de internação. Ela descobriu dados do dia do seu nascimento e de como a mãe havia se comprometido nos momentos de trabalho de parto. Débora chegou através do parto natural, não conseguiu ser amamentada e com dez dias de vida, foi entregue para adoção.

Informações da equipe que acompanhou a internação de Sueli apontavam para a sua lucidez. Todos os dias que era comemorado o nascimento da filha seu comportamento era de tristeza e alegria. Segundo os relatos ela jamais perdeu a esperança de encontrar com a filha mesmo depois de tantos anos.

Sueli Aparecida Rezende procurou por Débora a vida inteira. Sonhava com o dia em que poderia tocar a menina e ver de perto um pedaço seu. Os prontuários do hospital revelam que, nos vinte e dois anos seguintes ao parto, ela se lembrou de todos os aniversários da filha, rezando por ela com o terço rosa. (ARBEX, 2013 p.107).

Essa história comovente é uma pequena parte do que se viveu em colônia. A separação de mães e filhos realmente são muito chocantes. Daniela Arber se debruçou em

cada relato de personagem buscando passar fidelidade em um dos livros investigativos mais premiados no cenário brasileiro, porém, Débora e Sueli não são os únicos com histórias tristes de separação e morte. A instituição Colônia era um centro de referência para com a saúde mental, mesmo com todos os mecanismos de um centro de extermínio, a mensagem passada era de cura. Fato esse que levou uma mãe a internar seu filho pelo simples fato do mesmo apresentar características de timidez.

O relato de mais uma vítima de Barbacena encontra-se no capítulo 8 do livro. A história é iniciada apresentando a senhora Ana Pereira de Oliveira. Analfabeta, lavadeira e viúva, a mulher de 34 anos só perceberia a necessidade de intervenção psiquiátrica após pessoas próximas afirmarem que o fato do filho dela Luiz Pereira de Melo apresentar sinais de isolamento, não andar descalço na rua e preferir a tranquilidade do seu lar, tudo isso com apenas 16 anos era sinal de "esquisitice".

O diagnóstico foi rapidamente criado e o prognóstico popular requeria internação imediata no Hospital de Psiquiatria de Oliveira. A mãe se despediu do filho, preparou a melhor roupa e criou esperanças de que o filho retornaria bem, algum dia, para casa. Infelizmente, aquele seria o último dia que os dois estariam juntos.

Luiz foi internado no Hospital de Oliveira e logo depois foi transferido para o Colônia em Barbacena. Naquele hospital ele passaria ser explorado por um construtor da região, funcionário do Colônia, que passaria a escravizá-lo em obras de construção civil locais.

A situação dentro no Hospital Colônia era horrenda. Luiz falou que nas noites frias da Serra da Mantiqueira os pacientes amontoavam suas camas e dormiam todos juntos na esperança de resistirem a hipotermia. A senhora Ana Pereira alimentou durante anos a esperança de reencontrar o filho. De acordo com as informações coletadas por Daniela, após a internação a mãe adotou um ritual. Todos os dias ela trocava a roupa de cama do filho para que quando Luiz regressasse se sentisse em casa novamente. Até o último dia de vida, essa foi a atitude da Dona Ana, mãe desolada pela separação de um filho tímido.

Essas duas histórias apresentadas por esse artigo com fins de contextualizar o livro-reportagem Holocausto Brasileiro, fazem parte de uma complexa rede de experiências narradas ao longo de quatorze capítulos por Daniela Arbex. Compreender o que ocorreu no Hospital Psiquiátrico em Barbacena só se tornou possível após longas jornadas de investigação jornalística pela a autora.

O debate da investigação jornalística tem sido amplamente observado no campo teórico da comunicação social. A dicotomia se perpassa no aspecto de que, segundo o jornalista Ricardo Noblat (2012), há uma redundância na utilização do termo jornalismo investigativo. “Embora consagrada, acho redundante expressão ‘jornalismo investigativo’, ou ‘jornalismo de investigação’. Porque todo jornalismo pressupõe investigação”.

Essa visão é rebatida pelo jornalista Eugênio Bucci, presidente da Rádiorbras, que afirma a existência de um jornalismo investigativo, devido ao fato da presença de uma cortina de fumaça criada pela burocracia e máfias nacionais que se consideram detentoras da informação impedindo o cidadão do livre acesso ao conteúdo. (FORTES, 2005, p.15).

O jornalismo investigativo envolve expor ao público questões que estão ocultas – seja deliberadamente por alguém em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias que obscurecem o entendimento. Ele requer o uso tanto de fontes e documentos secretos quanto divulgados. A cobertura convencional de notícias depende amplamente – e, às vezes, inteiramente – de materiais fornecidos pelos outros (por exemplo, pela polícia, governos, empresas etc.); ela é fundamentalmente reativa, quando não, passiva. A cobertura investigativa, em contraste, depende de materiais reunidos ou gerados a partir da própria iniciativa do(a) repórter (e por isso ela é frequentemente chamada de “cobertura empreendida” – em inglês, “enterprise reporting”). (UNESCO, 2009, p.10).

As duas posições antagônicas são válidas, porém quando analisamos o contexto investigativo do Holocausto Brasileiro, compreendemos que foi necessário que uma situação calamitosa dessa ocorrer por quase um século para que pudesse chegar ao conhecimento da sociedade através do trabalho da jornalista Daniela Arbex.

Se levarmos em consideração o posicionamento do jornalista Ricardo Noblat, as barbáries de Colônia já deveriam ter sido reveladas a muito tempo atrás, pois vários jornalistas tiveram acesso parcial ao hospital psiquiátrico. Reportagens datadas da década de 70 e 80 também foram publicadas, porém só um trabalho investigativo minucioso foi capaz de revelar as atrocidades do manicômio. Dessa forma se faz necessário afirmar a necessidade do desenvolvimento de um jornalismo investigativo verdadeiro, como defende o jornalista e pesquisador Eugênio Bucci, que nega a persuasão das mídias comunicacionais ou grupos de interesses destintos e se aprofunda nas revelações ocultas dos porões da história.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de construção do presente artigo, o objetivo principal foi identificar a importância do jornalismo literário e da investigação para apresentar um cenário triste da história brasileira. São dois temas importantes para o jornalismo atual, um para o aprofundamento das notícias nas redações atuais e outro para nos lembrar dos pecados da humanidade e não mais cometê-los.

Daniela Arbex surge não apenas como uma jornalista que atende às duas linhas desenvolvidas ao longo do artigo, ela transcende o campo da comunicação impondo sobre os leitores do seu *best-seller* a necessidade de reflexão sobre o tratamento humanizado no campo da saúde.

Vários relatos presentes nos 14 capítulos do livro-reportagem não foram citados durante o processo de construção deste trabalho, mas isso não significa que os personagens sejam menos ou mais importantes que os outros, na verdade, caso fosse desenvolvido uma análise individual sobre cada cenário mencionado no livro, estaríamos apenas cumprindo nossa missão jornalística para com a base da ética, verdade e investigação dos fatos.

O Holocausto Brasileiro nos traz uma reflexão forte sobre a reforma psiquiátrica no Brasil. Sabemos que diversos mecanismos cruéis de experimento humano foram usados de maneira sádica em um hospital referência e esse fato não deve jamais passar despercebido, tendo em vista o conhecimento do Estado sobre o fato, além da própria população de Barbacena que assistia a todo aquele circo de horrores em silêncio.

Essa situação nos faz lembrar bastante a realidade encontrada nos campos de concentração nos pós II Guerra Mundial. Ao se deparar com o cenário horrendo de maus tratos, escravidão e abandono a força aliada registrou em vídeo para que as gerações futuras jamais esquecessem das atrocidades dos campos de concentração. Daniela Arbex faz essa manobra de registro através inicialmente do seu livro e posteriormente com o documentário da HBO.

Uma ação chocante ainda sobre a Segunda Grande Guerra Mundial foi a condução da população até o interior de vários campos de concentração instalados nas fronteiras das cidades. A população vestida a caráter, acreditando estarem participando de filme de Hollywood, porém o que estavam prestes a assistir era um filme de terror ao vivo e que ocorria bem ao lado de suas residências. Muitas pessoas

ficavam em pânico, outras desmaiavam, era um fardo pesado que aquelas cidades (sociedade) carregariam pelo resto de suas existências.

Barbacena, cidade mineira interiorana, carrega essa mancha no seu passado. A vergonha por ter permitido e aceitado durante tanto tempo o que aconteceu naquele Hospital é no mínimo revoltante, porém, gerar a classificação de culpa é algo complexo de se definir, tendo em vista a participação do poder público, entidades religiosas e tantas outras pessoas que de alguma forma corroboram para aquele martírio. A reflexão que se propõe aqui é uma só: A omissão é a certeza da culpa que ninguém viu, mas a história é a convicção de que não viveremos as desgraças do Holocausto Brasileiro outra vez.

6. REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração;
ARBEX, Daniela .A história por trás da história. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 27 nov. 2011.Disponível em:< <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/27-11-2011/a-historia-por-tras-da-historia.htm>>. Acesso em: 3 de Jun. de 2021;

CRUZ, M. A; ETGES, H.A. **Livro-reportagem como forma de documentação histórica: análise da obra Holocausto Brasileiro**. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul ,Casavel (PR), 2018. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1020-1.pdf>> Acesso em 03 de Jun. 2021.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

LIMA, Edvaldo. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: EDUSP, 2014

LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4 ed. Barueri: Manole, 2009

MONTEIRO, A. C. da S. Jornalismo e Literatura: Em Pauta, A Razão, a Emoção e a Responsabilidade. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura** (ISSN: 2358-212X), [S. l.], v. 1, n. 4, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/341> Acesso em: 3 jun. 2021.

NOBLAT, Ricardo. **Sem investigação não há jornalismo**. Observatório da Imprensa. Ed.675. 2012. Disponível em: < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed675-sem-investigacao-nao-ha-jornalismo/> >. Acesso: 17 de setembro de 2020.

UNESCO. **A investigação a partir de histórias – Um manual para jornalistas investigativos**. 1.ed. Rio de Janeiro. Editora: UNESCO, 2013.